

AS DIVERSAS MANEIRAS DE ACULTURAÇÃO NA AMÉRICA ANDINA

THE MANY FORMS OF ACCULTURATION IN THE ANDES REGION

Onilma Freire dos Santos¹

Resumo: No período da conquista, a aculturação ocorreu de maneira lenta e contínua na sociedade Inca. Esse processo se deu de maneira diferenciada, assim como foi diferenciado o processo de conquista nas diversas regiões colonizadas pela Espanha. A tradição costuma conceber aculturação como uma ação de substituição de uma cultura por outra, numa teoria contestável, que insiste em acreditar no desaparecimento, decorrente da colonização, ou da nossa atual globalização, dos costumes de um povo. Por conceber a cultura como algo estático e congelado, essa concepção está associada à ideia de extinção, descaracterização, desestruturação social e cultural, perda de identidade; vê as influências de um grupo social sobre outro como um processo de desconstrução da identidade e deformação cultural. Entretanto, nesta análise acreditamos que não se trata de uma substituição, mas sim de uma fusão intercultural, que origina uma nova tendência cultural na qual, em algumas circunstâncias, uma cultura se sobressai à outra, ou seja, a cultura não morre, ela se re-significa.

Palavras-chave: Aculturação; Costumes; Literatura.

Resumen: En la conquista, la aculturación se produjo lentamente y de forma continua en la sociedad Inca. Este proceso ocurrió de una manera diferente, como fue el proceso de realización diferencial en varias áreas colonizadas por España. La tradición concibe a menudo la aculturación como una acción de reemplazamiento de una cultura por otra, una teoría discutible, que insiste en creer en la desaparición de las costumbres de un pueblo, como consecuencia de la colonización o de nuestra actual globalización. Al concebir la cultura como algo estático y congelado, esta concepción se asocia con la idea de extinción, adulteración, alteración social y cultural, pérdida de la identidad; considera las influencias de un grupo social sobre otro como un proceso de desconstrucción de la identidad y de deformación cultural. Sin embargo, en este análisis creemos que no se trata de una sustitución, sino una fusión de culturas, dando lugar a una nueva tendencia cultural en la que, en algunas circunstancias, una cultura se destaca a otra, o sea, la cultura no se muere, ella se re-significa.

Palabras- clave: Aculturación; Costumbres; Literatura.

“Os enfoques dualistas e maniqueístas seduzem pela simplicidade, mas imobilizam e empobrecem a realidade, ao ignorar as trocas entre um mundo e outro.”
(Serge Gruzinski, *O Pensamento Mestiço*, p. 28)

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco; Bolsista CAPES, membro do grupo de pesquisa (As letras nas cidades – UFPE). E-mail: onilma_freire@yahoo.com.br

Durante a conquista, a aculturação ocorreu de maneira lenta e contínua na sociedade Inca. Esse processo se deu de maneira diferenciada, assim como foi diferenciado o processo de conquista nas diversas regiões colonizadas pela Espanha, como enfatiza Bethell:

Em vista dos profundos contrastes a ser encontrados nos níveis de ‘civilidade’ alcançados pelos diferentes povos da América anterior à conquista, foram inevitáveis amplas variações no caráter da conquista de uma região para outra e nos requisitos necessários para o subsequente controle da população (2004, p. 30).

Para compreendermos o processo aculturativo, precisamos ter em mente o conceito de aculturação no qual se baseia esta análise. A tradição costuma conceber aculturação como uma ação de substituição de uma cultura por outra, numa teoria contestável, que insiste em acreditar no desaparecimento, decorrente da colonização, ou da nossa atual globalização, dos costumes de um povo. Por conceber a cultura como algo estático e congelado, essa concepção está associada à ideia de extinção, descaracterização, desestruturação social e cultural, perda de identidade; vê as influências de um grupo social sobre outro como um processo de desconstrução da identidade e deformação cultural.

Entretanto, nesta análise acreditamos que não se trata de uma substituição, mas sim de uma fusão intercultural, que origina uma nova tendência cultural na qual, em algumas circunstâncias, uma cultura se sobressai à outra, ou seja, a cultura não morre, ela se re-significa. De acordo com Wachtel (1976), a aculturação não se resume a um caminho unilateral, representado pela transformação da cultura ameríndia na cultura ocidental. Haveria um caminho inverso, pelo qual a cultura indígena agrega características aos elementos europeus sem perder sua propriedade original, (embora esse não fosse o pensamento dos colonizadores nos primeiros anos da conquista). De certa forma, os povos da América colonial souberam tornar conveniente aquele contexto. Segundo Boccara:

El dinamismo y apertura colonial les permitió sacar provecho de las contradicciones y debilidades del sistema colonial y orientar el curso de los acontecimientos en un sentido inesperado. (...) Utilizaron la misión y otras instituciones de control para sus propios fines, manejaron a su favor los antagonismos que existían entre los distintos actores imperialistas o coloniales, y fueron creando espacios de intermediación y de negociación (2000, p. 31).

O autor aponta que, distintamente do que geralmente observamos, o contexto de dominação em que se localiza a conquista da América não trouxe apenas perdas para os dois lados envolvidos, mas sim trocas, que muitas vezes transcenderam o plano do material e avançaram em direção ao simbólico e ideológico. Ser-nos-ia, então, pertinente dizer que as culturas (a dos nativos e a dos invasores) mantinham uma estreita e complicada relação de contato, sem que houvesse a substituição total de uma pela outra.

Portanto, para fins de compreensão geral deste ensaio, considere-se aculturação como a mistura de culturas que se assimilam e se acomodam de maneira a originar uma terceira cultura, comum aos povos envolvidos no processo aculturativo, para uma melhor convivência entre pessoas e adaptação em territórios diferentes, sem concepções de superioridade, inferioridade, progresso ou retrocesso cultural em busca de um “denominador comum”. Não acreditamos que a cultura seja um elemento contável ou que se possa medir, portanto não alimentamos a ideia de culturas superiores, mas sim de povos mais fortes e mais poderosos economicamente ou do ponto de vista bélico. Wachtel (1976), que ponderou intensamente acerca desse tema, explica que “a ‘aculturação’ designa todos os fenômenos de **ação recíproca** que resultam do contato entre duas culturas de força desigual, uma dominante e outra dominada” (p. 26-7).

Assim sendo, sem visar os estragos produzidos pelas conquistas e tampouco validá-la ou justificá-la, uma vez que não é esse o objetivo deste ensaio, entendemos a aculturação como um processo rico e válido (porém, desnecessário). Lembrando apenas que, diante da dificuldade que temos em conceituar cultura, não seria menos complicado conceituar aculturação. Logo, entenda-se essa noção de aculturação apenas como uma ideia, baseada nas reflexões de Nathan Wachtel, e Guillaume Boccara, para guiar a nossa análise.

As primeiras conquistas ocorridas após a expansão encabeçada em 1492 por Cristóvão Colombo, em território americano, mais precisamente nas Antilhas e nas ilhas do Caribe, ocorreram respectivamente no México e no Peru. Segundo Bethell (2004, p. 63), “quando a região andina foi invadida pelas tropas de Pizarro em 1532, quarenta anos haviam-se passado desde a capitulação de Granada e da primeira das ilhas das Antilhas aos castelhanos e mais de vinte anos desde a invasão da Mesoamérica”. Nessa empreitada, a formação das cidades teve um papel fundamental.

Os primeiros contatos com as civilizações dos Andes, das quais nos interessa especificamente neste trabalho o Peru, se deu de forma diferenciada das outras civilizações, portanto, diferenciado também foi o processo de aculturação nessa região. As principais causas de tal distinção são, a princípio, as diferenças territoriais (aspectos da região conquistada) e humanas (costumes das populações) encontradas pelos espanhóis. A escolha foi dos espanhóis, eles resolveram atravessar o mar para impingir em outras civilizações suas crenças e costumes, como afirma Romero (2004, p. 12): “Foi a sociedade europeia que condicionou a invasão, imprimiu suas características aos protagonistas, fixou os objetivos da empresa, projetou para a América os seus velhos problemas”.

Porém, o território e o povo andino também ditaram algumas regras. Os territórios e as populações aborígenes impuseram algumas características à ocupação e à colonização, pois não podemos deixar de observar o fato de que a colonização não se deu de maneira homogênea, ou seja, nem sempre os espanhóis foram os colonizadores, mas algumas vezes colonizados pelos hábitos dos aborígenes. É no conflito das imposições europeias com as regras locais que se dá o processo de aculturação.

Observemos o processo de formação urbana. As cidades foram instrumentos políticos e militares de subjugação e dominação. Grosso modo, podemos afirmar que a formação das cidades foi a primeira imposição cultural estabelecida pelos conquistadores, além das cerimônias de fundação. A estrutura das cidades impunha aos “anfitriões” uma nova rotina e, ao mesmo tempo, iludia aos espanhóis que acreditavam estar construindo uma nova Espanha, pois uma das intenções do colonizador era expandir seu território: “queriam fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu” (HOLANDA apud GOIS: 2006, p. 98), com uma pequena vantagem, o clima tão almejado se fazia presente: “Qualquer que fosse o lugar onde estivessem as terras tropicais, pareciam oferecer insondáveis perspectivas” (ROMERO: 2004, p. 28).

Nas cidades andinas, a praça central era o núcleo dos acontecimentos, principalmente os religiosos. Francisco Pizarro, no Peru, conservou as estruturas e construiu edifícios tipicamente espanhóis sobre bases indígenas. As adaptações das construções espanholas ao território americano foram marcantes nesse setor. Segundo Serviá:

El conjunto resultante era un ejemplo de integración al medio, ya que el material utilizado preferentemente era la madera, los tejados de las

casa eran a dos aguas, apropiados a las abundantes lluvias de la región y las construcciones tenían soportales para resguardarse del fuerte sol (2000, p. 273).

Assim, conviviam num mesmo território, índios e europeus, construções espanholas e as lembranças de construções indígenas. Destarte, o que deveria ser um processo de formação de cidades réplicas das espanholas, acabou se tornando a constituição de um “conglomerado” de mestiçagem, tanto do ponto de vista estrutural como do ponto de vista cultural, enfim, um processo de aculturação no qual os “donos da terra” se ajustavam em uma camada social estabelecida pelos invasores: a de servos locados à margem da nova sociedade. À margem no sentido estrito da palavra, pois suas residências nas cidades ficavam na parte mais extrema do conjunto de construções, denunciando a classificação social desses povos.

Teve início, desse modo, o processo de assimilação e acomodação cultural. A história da colonização, que assinalou profundamente a civilização do Ocidente, principiou com um processo de fusão de culturas, ora marcado pela segregação e o domínio econômico-político-social e religioso, ora marcado pelo intercâmbio e pelo processo de assimilação e acomodação cultural em uma “via de mão dupla”. Os espanhóis, diante de tão extensas e coloridas terras, reestruturaram sua visão de mundo. A própria Europa já não era mais a mesma vista do outro lado do mar; a fauna, a flora, o clima, tudo impunha e requeria mudanças de hábitos e contribuía para a constituição do *novo homem da América*. A nova terra em nada se parecia com a terra natal deixada para trás pelos conquistadores. Sobre esse aspecto, Bethell (2004, p. 77) corrobora: “Nos Andes, as montanhas eram altas, as noites mais frias e os dia mais quentes, os vales mais profundos, os desertos mais secos, as distâncias maiores do que as palavras poderiam descrever”.

A visão indígena não era menor em deslumbramento ao se deparar com aquelas pessoas advindas do mar. O fato é que, a princípio sem hostilidade, os espanhóis foram recebidos com muita surpresa pelos donos da terra, fosse por questões religiosas ou pela ingenuidade dos “americanos”.

Após um período de observação da população indígena, os espanhóis identificavam seus líderes e utilizavam esses chefes (políticos e religiosos) para constituir uma estrutura política que se aproximasse da existente anteriormente, a fim de evitar possíveis conflitos, de modo que os líderes indígenas atuavam entre seu povoado e os recém-chegados, no

recrutamento de mão-de-obra indígena para trabalhar nas *encomiendas*. Muitas concepções, indígenas e europeias, se mesclavam nesse processo e alguns aspectos pré-colombianos continuaram a existir após a conquista. A *encomienda* é um exemplo de aculturação, de fusão, assimilação e acomodação de culturas. De acordo com Bethell (2004, p. 72): “Os padrões de colonização dispersa constituíram uma característica do território andino que os europeus logo observaram. Em 1538-1539, cinco anos após a invasão, as encomiendas outorgadas por Pizarro seguiam esse princípio”.

Destacam-se também nesse contexto urbano as *Reducciones (pueblos de indios)*: núcleos de populações, separados das cidades espanholas, onde viviam os índios. Esses povoados foram constituídos, teoricamente, devido à preocupação da coroa espanhola, representada por religiosos, com as sociedades indígenas, mas tornaram-se focos de abusos e violência. De qualquer maneira, colaboraram para a resistência dos costumes locais em relação aos novos costumes que se estabeleciam naquele lugar, culminando, juntamente com fatores territoriais, econômicos e sociais, na assimilação cultural tanto por parte dos indígenas quanto dos espanhóis.

No que diz respeito à religião, o que se via na época era uma persistente evangelização por parte dos europeus e uma silenciosa resistência por parte dos indígenas, o que gerou certa contradição no *novo homem americano*. Não se pode negar que a imposição europeia, por motivos óbvios, “a Europa era detentora do poder” e “a inquisição estava em evidência”, sobressaiu-se no aspecto religioso. Mas, a população indígena também tinha suas próprias razões para, de certa forma, “aceitar” a religião cristã. Segundo Serviá:

La riqueza decorativa indígena, su gusto por las ceremonias y el pragmático sincretismo demostrado en ocasiones por los encargados de extender la nueva religión en las posesiones ultramarinas, reconvirtiendo cultos y adaptando leyendas de la tradición cristiana al espacio americano (2000, p. 280).

Tal adaptação acima citada, unida à “aceitação” indígena, constitui um processo de aculturação no qual a detenção do poder teve grande importância, uma vez que os europeus fizeram uso de alguns artificios que seduziam e fascinavam um povo que, outrora, não via tanto valor nas riquezas, mas que naquela ocasião, já conhecia a distância da situação econômica e social dos índios americanos em relação ao povo que vinha da Europa. A

concepção do índio diante dos metais começava a se modificar, porém não se europeizava, mas se reconstruía e se adaptava ao novo contexto.

Um exemplo desse artifício de fascinação era a construção de igrejas estonteantes em luxo e riqueza, que chamavam a atenção dos índios, que não viviam em grandes palácios, mas já os conheciam e os viam ao redor da praça. Sobre esse artifício, Serviá (2000, p. 281) afirma: “La iglesia católica quiso convertir sus templos en los palacios del pueblo. En ellos, la gente sencilla encontraría el lujo y la riqueza que no poseía, pero de lo que participaría siguiendo sus enseñanzas”, e corrobora o sincretismo religioso e a mescla cultural quando afirma:

Se construyen Iglesias que presentan rasgos específicos. Sus fachadas son ejemplos de ‘horror al vacío’ ya que, a modo de gran tapiz, se recubren totalmente de una decoración tallada en plano, en la que están presentes motivos autóctonos, alejados de los utilizados de forma general en el barroco (SERVIÁ, 2000, p. 283).

A religião também cumpriu um papel importante no processo de aculturação, certamente que os europeus foram mais evidentes nesse aspecto, mas os aspectos religiosos indígenas persistem até os dias atuais, em algumas localidades da América, nas festas e rituais religiosos. Ou seja, as diversas contribuições dos distintos povos formaram a cultura de grande parte do lugar que hoje conhecemos por América Latina, como afirma Moreno:

As grandes civilizações pré-colombianas eram ricas em arquitetura, em música (esta chegou quase intacta aos nossos dias). A cultura europeia trouxe principalmente a linguagem, a religião, técnicas ali desconhecidas (1972, p. 12).

Nas artes, a aculturação foi bastante presente. No tocante às mudanças no plano das manifestações artísticas, faz-se necessário distingui-las, não somente quanto ao gênero de arte a que pertencem, mas em particular no que diz respeito à função que lhes cabe ou cabia na cultura indígena e na cultura que se formava. O gênero em questão para fins de análise neste ensaio é o literário, o qual se tornou uma evidência da mestiçagem e do conflito de identidade que se instaurou no *novo homem americano*. Muito natural a busca da identidade de um povo que se formou da fusão entre duas etnias e culturas tão diferentes; de duas perspectivas e visões de mundo quase antagônicas.

A função literária presente na terra nativa era primordialmente religiosa e de manutenção dos feitos, histórias e costumes do povo. A função da literatura trazida do além-mar era justamente contrária à nativa (com relação à manutenção da cultura autóctone). Não podemos esquecer que a literatura não tem como função única o entretenimento, mas que, dependendo de seu uso, pode se transformar em um instrumento de subjugação.

Na literatura, cuja fronteira com o fator linguístico é demasiadamente tênue, a aculturação foi evidente, pois, devido à necessidade de evangelização, muitos religiosos tiveram que aprender a língua dos nativos, o que de certa forma caracteriza-se como um fenômeno de bilinguismo². Para Weinreich (1953, p. 123): “A prática de utilizar duas línguas de forma alternativa se denominará bilinguismo e as pessoas implicadas bilíngues”. Assim, o que se pretendia como um instrumento de penetração político - cultural acabou por apresentar-se, também, como um instrumento de aculturação entre os povos ameríndios e europeus. “Por isso, a literatura que se difundia nas línguas aborígenes era eminentemente religioso-cristã por seu conteúdo de serviço (sermões, catecismo, exemplos, vidas de santos, etc.)” (MORENO, 1972, p. 12). Não havia o interesse de manutenção das autênticas tradições orais andinas, pois a intenção foi de substituição total, embora sem o êxito esperado.

No campo linguístico, principalmente na região andina, a resistência e a aculturação são autênticas até mesmo na atualidade. A população indígena existente no Peru se apresenta em números bastante significativos, se levarmos em conta a barbárie que foi a conquista espanhola. Muitas dessas populações ainda falam a língua nativa, além do espanhol. Segundo Marta Hardman (apud BETHELL, 2004, p.83): “muitos dos Vales do Pacífico do que são hoje o Chile e o sul do Peru eram habitados por falantes do Aymarâ; no início do século XX, as cidades situadas na latitude de Lima, na província de Yauyos, falavam Kauki, um dialeto Aymarâ”. Ainda sobre a temática linguística e sobre alguns costumes do povo peruano, Bethell enfatiza: “Ainda existem continuidades nos modos de vida e nas línguas, apesar dos 450 anos de domínio colonial; remontam até mesmo ao período pré-incaico. Tanto as tradições orais dinásticas quanto as demóticas [...] (2004, p. 82).

² “O bilinguismo – quer com o uso de uma ‘língua franca’, quer não – é sem dúvida, por si, um fenômeno aculturativo, mas a sua importância fundamental reside na sua função de fator de mudanças culturais subsequentes. A diversidade de idiomas é talvez a barreira mais decisiva que se interpõe entre os grupos tribais e os representantes do mundo civilizado” (SCHADEN, 1969, p. 200).

A literatura nativa da época colonial perdeu-se com o tempo e com a pretensão europeia de apagar a história dos povos conquistados, mas nos Andes, graças à tradição oral, principalmente no Peru, local onde a sociedade era circular e a história do povo era passada de pai para filho, algumas informações puderam ser recuperadas. O fato mais importante para este ensaio é que, apesar de não serem divulgados, eram escritos mitos nativos em língua espanhola e mitos espanhóis (religiosos) em língua nativa, de acordo com a necessidade, e o que se vê nesse ocorrido é um encontro cultural e linguístico. A “competição” entre o velho e o novo idioma se prolonga, assim, por todas as fases do processo aculturativo e da mesma maneira as literaturas, a então existente (no caso do Peru, a literatura oral) e a trazida de além-mar mesclam-se e dão origem a uma nova literatura, nem espanhola nem indígena, mas hispano-americana colonial, como o homem e a cultura que se formava daquele processo aculturativo, daquela fusão de costumes e culturas:

Das contendas, das fraturas e das expropriações (...) surge uma literatura que, já no século XVI, deixou de ser espanhola e de ser indígena para converter-se em outra coisa. A literatura hispano-americana colonial, que se inaugura sob o signo do conflito e da perda, pertence a um mundo singular, feito de muitos tempos, de muitos mundos. Os mundos das letras coloniais, tão remotos hoje e tão presentes (CORDIVIOLA, 2005, p.14).

Mais adiante na história, veem-se no Peru manifestações literárias, como resultado destes encontros culturais, os escritos de mestiços como o Inca Garcilaso de La Vega, com seu nostálgico *Comentarios Reales* e do índio Guaman Poma, com sua inquietante *Nueva Crónica y Buen Gobierno*, entre outros. Literatura, agora escrita em língua espanhola, mas com ideologias mescladas de mestiço em crise de identidade (no caso do Inca Garcilaso) ou mesmo de índio colonizado (no caso de Guaman).

Por la información que Guaman Poma nos entrega en su crónica, debemos entender que es indígena tanto por línea paterna como materna; sus abuelos habrían sido Tupac Inca Yupanqui y Mama Ocllo, cuya hija Curi Ocllo se habría casado con Guaman Mallqui, padre de nuestro cronista e hijo de Guaman Chawa, gobernante de la región del Chinchaysuyu, representante de la dinastía Yaro Willca, en época anterior a la llegada de los españoles a esta área (AGUERRE, 2001, p. 13).

Ainda no campo das artes e com relação à conquista e à aculturação, podemos citar como exemplo as peças interpretadas atualmente por índios remanescentes em grande parte da região americana (no Peru, encena-se a *Tragédia da morte de Atahualpa*). Índios peruanos reconstróem a conquista sob o estigma mítico dos presságios indígenas e suas crenças. Contudo, a figura do homem branco, diferentemente da época colonial, faz-se presente na encenação de peças teatrais que reconstróem o processo da conquista e dos presságios (pré conquista) na América andina, de modo que podemos afirmar que a presença espanhola modificou alguns mitos e crenças indígenas. Segundo Soihet (1997, p.22), essas peças “Apresentam alguma influência hispânica, em quantidade variável, revelando a circularidade cultural; existem versões em que esta presença dificilmente será identificada”. A cultura oral, transmitida de pai para filho durante séculos, se apresenta na atualidade com características simultaneamente mestiças e autóctones.

Na *Tragédia da morte de Atahualpa*, podemos evidenciar a presença espanhola na primeira parte, sob o signo de “homens barbudos” e na segunda, sob a função de evangelizadores:

Celebram-se encontros preliminares entre índios e espanhóis. Uma primeira entrevista reúne Huaylla Huisa e Almagro. O sacerdote pergunta a este último por que os **homens barbudos** invadem o país. Como resposta, Almagro só move os lábios. Felipillo traduz estas palavras silenciosas e declara que os espanhóis, enviados pelo Senhor mais poderoso da terra, vieram em busca de ouro e prata. Aparece então o **padre Valverde**, que o interrompe: os espanhóis vieram para dar a conhecer o verdadeiro Deus. Finalmente, Almagro entrega ao adivinho uma carta para Atahualpa (SOIHET, 1997, p. 51).

Considerações finais

Atualmente, impera a dificuldade em se definir a América Latina por sua diversidade cultural. Os costumes e tradições da América estão marcados pela mestiçagem. Muitos séculos depois da invasão e da maior onda de influência espanhola, vários outros tipos e modos de influências mesclaram a cultura americana. Porém, não podemos deixar de ressaltar que o povo latino conservou resquício do que um dia pode ter sido uma cultura “autóctone”, comprovando, portanto, que não houve substituição cultural. No Peru, por exemplo, muitos costumes incaicos e até pré-incaicos são testemunhados no leito da sociedade. Esse país, apesar de colonizado pelo povo espanhol, desenvolveu-se de maneira muito distinta em

relação a outros países colonizados pela Espanha, e hoje, o que vemos na América Andina e no Peru é uma diversidade cultural singular.

Diante das informações vistas, e cientes de que muito há por se ver, podemos concluir que a aculturação não é um fenômeno negativo, visto que através desse processo novas culturas nascem e se proliferam. É certo que a maneira como tal fenômeno se impõe às sociedades pode, por vezes, ser desastrosa e triste, mas não podemos deixar de observar que o resultado da aculturação é, geralmente, uma cultura singular e distinta de suas formadoras, apesar de apresentarem traços das vertentes culturais de origem. Nem sempre a aculturação se dá pela força ou pela subjugação. Todos os dias, culturas se encontram e se mesclam em processos aculturativos nas mais diferentes partes do planeta. Não podemos negar que a conquista espanhola é um exemplo de barbárie e destruição, mas também não podemos esquecer o produto deste encontro cultural: a cultura hispano-americana. Das diferenças e conflitos culturais, nasce uma nova cultura, que não é mais a indígena, nem a espanhola, mas sim a cultura hispano-americana, tão singular quanto qualquer outra cultura.

REFERÊNCIAS

AGUERRE, Hugo Rosati; CABELLO, Francisco Sanchez; VARGAS, Carlos Gonzalez. *Sinopsis del Estudio de la Iconografía de la Nueva Crónica y Buen Gobierno Escrita por Felipe Guaman Poma de Ayala*. Santiago:Ed. Santiago, 2001.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.1-América Latina Colonial. São Paulo: EDUSP, 2004.

BOCCARA, Guillaume; GALINDO, G. S. *Lógicas Mestizas em América*. Temuco, Chile: Instituto de Estudios Indígenas, 1999.

CORDIVIOLA, Alfredo. *Um mundo singular: imaginação, memória e conflito na literatura hispano-americana do século XVI*. Recife: PPGL, 2005.

GÓIS, Sarah Campelo Cruz. *A Estabilização das Colônias nas Américas: suas Grandes Diferenças e seu Principal Aspecto em Comum*. *Ameríndia*, Volume 2, Número 2, 2006.

GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MORENO, César Fernández. *América Latina em Sua Literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ROMERO, José Luis. *América Latina: As Cidades e as Idéias*. Tradução de Bella Josef. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SCHADEN, Egom. *Aculturação Indígena: Ensaio Sobre Fatores e Tendências da Mudança Cultural de Tribos Índias em Contato com o Mundo dos Brancos*. São Paulo: EDUSP, 1969.

SERVIÁ, María Jesús. Las ciudades: Un Espacio Artístico de Convivencia. In: BLAS, Patricio de; PUENTE, José de La; RIVAS, Ricardo A.; ROCA, Enrique; SERVIÁ, María Jesús (Orgs). *História Común de Iberoamérica*. Madrid: EDAF, 2000.

SOIHET, Rachel. O Drama da Conquista na Festa: Reflexões sobre Resistência Indígena e Circularidade Cultural na América. In: BESSONE, Tânia Maria Tavares; QUEIROZ, Tereza Aline P. *América Latina: Imagens, Imaginação e Imaginário*. São Paulo: EDUSP, 1997.

WACHTEL, Nathan. *Los vencidos; los indios frente a la conquista española (1530-1570)*. Madrid, Alianza Editorial, 1976.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. Haia: Mouton, 1953.

ZAPATA, Roger. *Guaman Poma, indigenismo y estética de la dependencia en la cultura peruana*. Minneapolis: Minn. Institute for the Study of Ideologies and Literature, 1989.

[Recebido: 01.nov.11 - Aceito: 19.jan.12]